

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Deise Máira Silveira Moreira

Graduada em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB; mestranda em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

deise-maira17@hotmail.com

Romeu Lelis Guedes

Graduado em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB

romeu196@gmail.com

Berta Leni Costa Cardoso

Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros; mestre e doutora em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília; Pós-doutorado em Educação na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; professora adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e professora no Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

bertacostacardoso@yahoo.com.br

Resumo: Esse trabalho consiste em um relato de experiência derivado do estágio supervisionado, denominando de Desenvolvimentos De Ações Pedagógicas na Educação Física Formal II (estágio VII), ofertado no 8º semestre do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Do Estado Da Bahia – UNEB – CAMPUS – XII. O objetivo é relatar a experiência vivenciada através do estágio supervisionado, assim como o processo metodológico utilizado nas aulas com os conteúdos abordados. As intervenções aconteceram com alunos do ensino fundamental II no 7º, 8º e 9º ano de uma escola municipal da cidade de Guanambi-Ba. Os conteúdos trabalhados foram dança com o 7º e 8º ano, preconceito, discriminação e sexíssimo com o 9º ano, utilizamos a perspectiva cultural da Educação Física para o planejamento das atividades. As aulas ministradas possibilitaram alcançar os objetivos determinados como promover a vivência com os diversos tipos de dança, interpretar sequências coreográficas assim como a discussão e reflexão das representações sociais presentes durante as aulas, nas turmas do 7º e 8º ano foram questão de gênero e religião decorrente do conteúdo dança, no 9º ano trabalhamos com outros três temas sociais, preconceito, discriminação e sexíssimo estabelecidos no plano de curso para ser trabalhado durante a unidade, igualmente a dança. O estágio proporcionou uma experiência docente de grande proeminência, agregando conhecimento, vivência e reflexões essenciais para a prática pedagógica.

Palavras-chave: Dança. Estágio. Representações sociais.

Introdução

A presente produção é caracterizada como relato de experiência, construído a partir do estágio supervisionado incluso na grade curricular do curso de licenciatura em Educação Física. O componente é nomeado de Desenvolvimento De Ações Pedagógicas na Educação Física Formal II (estágio VII), ofertado no 8º semestre pela Universidade Do Estado Da Bahia – UNEB – CAMPUS– XII. O componente almeja a aproximação dos acadêmicos com o

ambiente escolar, proporcionando a vivência, experiência e agregando conhecimentos na formação da identidade docente dos graduandos.

Para a finalidade abordada, a intervenção foi realizada em uma escola municipal localizada na cidade de Guanambi-Ba, região sudoeste. O lócus oferta aulas para o ensino fundamental II nos períodos matutino e vespertino. A intervenção se concretizou no turno matutino em três turmas, 7º, 8º e 9º ano, a mesma é de porte pequeno e conta com cinco salas de aula. O estágio totalizou 56 horas aulas distribuídas entre os conteúdos propostos pelo plano de curso da escola para as aulas de Educação Física. Nesse período, contamos com a supervisão, apoio e orientação da professora licenciada em Educação Física atuante na escola e o professor supervisor e orientador do estágio vinculado à instituição.

É imprescindível para a atuação docente uma reflexão crítica das ações desempenhadas no fazer pedagógico, analisando os pontos positivos e os que necessitam de aprimoramento. Considerando o estágio como o momento que introduz a ação educativa na formação inicial, relatar e compartilhar a experiência vivenciada poderá agregar contribuições de docentes experientes e renomados na área da educação que terão acesso ao trabalho, subsidiando em uma formação com maior qualificação, além de contribuir com outros discentes nesse período da graduação.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência da prática pedagógica desenvolvida nas atividades com os alunos durante o estágio supervisionado, abordando as reflexões e vivência a partir dos conteúdos, destacando questões de gênero e religião que surgiram durante as aulas no 7º e 8º ano proveniente da dança, além dos temas de sexíssimo, preconceito e discriminação no 9º ano. Vale ressaltar que tanto a dança quanto os três temas (sexíssimo, preconceito e discriminação) estavam estabelecidos no plano de curso para serem trabalhado no decorrer da unidade.

Metodologia

O trabalho é desenvolvido no formato de relato de experiência com a intencionalidade de descrever as intervenções realizadas no estágio supervisionado em três turmas do ensino fundamental II (7º, 8º e 9º ano). Além de relatar as intervenções e experiências adquiridas nessa prática pedagógica, destacaremos os resultados obtidos nesse curto período de docência.

O principal objetivo do estágio estava pautado em possibilitar a aproximação dos alunos com a dança refletindo sobre as representações sociais presentes nessa prática corporal, além de promover a vivência, identificando e interpretando sequências coreográficas dos diversos tipos de danças. Nesse sentido, as intervenções foram baseadas nas fundamentações da perspectiva cultural da Educação Física. Sua base teórica defende a valorização da cultura e saberes do aluno, para o currículo cultural a experiência no âmbito escolar é um espaço aberto a debates, encontro de culturas e diversidades nas manifestações culturais de múltiplos grupos sociais, valorizando a reflexão crítica dos alunos a respeito das práticas sociais da cultura corporal (NEIRA, 2011).

Durante o estágio, a metodologia utilizada nas aulas pautou em leituras e interpretações de textos, debates, dinâmicas e vivências. Para finalizá-lo, realizamos uma mostra de dança, a intencionalidade desse evento foi solidificar, mas também analisar os resultados das atividades desenvolvidas durante a intervenção. Diante disso, optamos por um questionário final para que os alunos analisassem o resultado do evento.

O Caminho Percorrido na Intervenção

Um dos passos a serem seguidos no percurso do estágio é a observação das aulas de Educação Física, o propósito é aproximar e familiarizar com a realidade dos alunos, da escola e professora atuante no espaço. Essa primeira aproximação proporcionou uma análise do comportamento e características das turmas, favorecendo a metodologia de ensino que seria adotada com base nas suas especificidades. Segundo Bibbó e Silva (2016), a metodologia é uma ferramenta auxiliadora do professor, proporcionando segurança ao planejar o objetivo de cada etapa no processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, com a intenção de conhecer o que os alunos sabiam e carregavam em sua bagagem cultural em relação aos conteúdos que seriam trabalhados durante a unidade, no início da intervenção apropriamos do mapeamento das turmas por meio de questionamentos e debate sobre o que seria abordado no decorrer das aulas. O mapeamento é descrito como uma forma do professor aproximar-se dos conhecimentos que os alunos têm acerca de determinada prática corporal, para isso, não possui um percurso estabelecido, os professores podem utilizar de atividades diversas para impetrar o que é proposto (NEIRA, 2011).

Essa estratégia de mapear o conhecimento do aluno é uma característica da perspectiva cultural, abordagem utilizada no estágio. “Assim, o tipo de abordagem, mais do que simplesmente a eleição de uma determinada prática, é que vai definir o conteúdo, ou seja, o que se espera que o aluno vá aprender.” (BRACHT, 2010, p.5).

Portanto, a partir das opiniões e ideias dos alunos em relação às temáticas, foi possível sanar dúvidas e desmistificar conceitos que são cultivados de forma empírica. Entender a maneira que os mesmos enxergam a dança e os demais assuntos favoreceu o planejamento das aulas, os objetivos e processo metodológico para alcançá-los são facilitados quando o docente tem conhecimento das especificidades e necessidades observadas em sala.

Nesse sentido, Marcelo (2009) pondera que ao ensinar, apenas o conhecimento em relação ao conteúdo ministrado pela disciplina não é caracterizado como um indicador de qualidade do ensino, pois existem outros saberes que também são essenciais para a prática docente, como conhecer o contexto do local que se ensina, contexto dos alunos, de si mesmo e de como ensinar. Respaldados por esses saberes, após o mapeamento trabalhamos o contexto histórico da dança ressaltando sua evolução ao longo dos anos e as características peculiares de cada época.

Para tal, foi realizada a leitura de um texto que retratava tais aspectos em uma linguagem de fácil compreensão. Com base no texto, foram lançadas perguntas como; quais as características da dança? A dança existe desde o tempo do homem primitivo, quais os motivos que levavam esses povos se expressarem através dela? Nas antigas culturas e na idade média quais os principais motivos que influenciavam a sociedade a dançar? O texto relata que a dança sofreu novas influências sociais, vocês acreditam que todos nós temos acesso e gostamos dos mesmos estilos de dança? Justifique sua resposta.

Nessa linha de discussão, Franco e Ferreira (2016) abordam que a dança tem o movimento e o gesto como a primeira forma primitiva de manifestação e exteriorização de emoções do homem. Como as outras artes, ela surgiu da necessidade do homem em manifestar naquele período todos os acontecimentos sociais como o nascimento, o casamento, a colheita, a caça, festa do sol e da lua, nessa perspectiva, a dança para o homem primitivo estaria relacionada à magia.

Apesar da dança ser considerada a mais antiga manifestação sociocultural, no lócus escolar a sua presença é pouco vista, mesmo com o ensino da Educação Física e da arte conquistando espaço nas escolas (SOUSA *et al.*, 2014). Diante disso, para Carvalho e Coffani (2012), a dança é um dos conteúdos que precisa ser oportunizado nas aulas de Educação Física por proporcionar aos alunos o direito de desempenhar a criatividade e crítica social, através das expressões corporais tornando o aluno um sujeito do processo educativo. Além de oportunizar a criação de coreografias a partir das experiências prévias dos alunos e influências externas, contribuindo para a resolução de problemas corporais.

Portanto, para que todos os alunos participassem da aula expondo suas ideias e compreensão sobre o assunto, a estratégia utilizada no 8º ano foi escrever as perguntas em papéis e colocá-los dentro de uma caixa que passou de mão em mão e cada aluno pegou um papel. Em seguida, aqueles que estavam com perguntas realizava a leitura da mesma e respondia considerando a interpretação do texto, os demais ficavam livres para exporem seu entendimento e colaborar com o colega.

A mesma estratégia obteve resultados satisfatórios na turma do 9º ano, porém, a temática discutida foi o preconceito no mundo da dança. A leitura de um relato de experiência sobre a desvalorização da profissão e o preconceito existente, sobretudo contra a figura masculina nesse universo, despertou uma discussão enriquecedora, a maioria dos alunos participou com seus posicionamentos e relatos sobre a temática. Na turma do 7º ano trabalhamos o mesmo texto do 8º ano sobre a história da dança, no entanto, a metodologia adotada não se igualou, as perguntas foram escritas no caderno, respondidas individualmente e depois discutidas.

Paralela às discussões a respeito do contexto histórico da dança, o debate sobre os ritmos dançantes característicos de cada região foram apontados. É comum as cidades terem uma dança típica da localidade carregando na origem a história e cultura de seus povos, em Guanambi, o vai de virar é uma dança antiga que foi típica da cidade, mas na atualidade não tem visibilidade. Essa realidade foi identificada durante o estágio, nenhum dos alunos conhecia ou ouvira falar antes dessa dança. Deste modo, Medeiros e Santos (2014, p.87) ressaltam que a dança “no âmbito educativo da Educação Física, ela é pedagógica e ensina tanto quanto os esportes, jogos e brincadeiras”. Durante as aulas foi possível falar um pouco

do contexto da dança na cidade de Guanambi bem como discutir temas transversais como preconceito e racismo.

Nas aulas, surgiram comentários e brincadeiras relacionadas à dança, dentre eles estava o preconceito com a figura masculina enquanto bailarino. Para discutir essa representação social trabalhamos o texto com o título “O PRECONCEITO COM BAILARINOS HOMENS”. A discussão estabelecida baseou-se na leitura do texto e respostas individuais sobre questões de preconceito com os profissionais da dança, principalmente os homens. Nesse seguimento, assim como a prática esportiva durante um tempo ficou restrita aos homens, e às mulheres foram negadas possibilidades de experiências corporais, também são negadas aos homens práticas além das esportivas por acreditarem que não é adequada, pertencendo apenas ao universo feminino. Assim, a dança é característica dessa visão de sociedade, sofrendo influências dessa forma de pensar nos ambientes de academias, companhias de dança e escola (KLEINUBING *et al.*, 2013).

Segundo Barbosa e Moreira (2010), a dança enquanto conteúdo da Educação Física no espaço escolar de forma crítica que possibilita a compreensão e visão de mundo, descoberta corporal e da realidade social, ainda tem um longo caminho a ser percorrido. A mesma quando trabalhada nos domínios conceitual, procedimental e atitudinal, agrega diversos benefícios no âmbito cultural, emocional, social, cognitivo e motor, favorecendo na formação de um sujeito consciente dos seus direitos e deveres (SILVA *et al.*, 2012).

Nesse sentido, as representações sociais identificadas durante as aulas foram discutidas. Além da questão de gênero, a religiosidade esteve presente em todas as turmas no momento da divisão de grupos e escolhas das danças que cada um apresentaria na mostra de dança. Algumas alunas relataram não poder dançar por questão religiosa, a esse respeito Rigoni e Prodócimo (2013) escrevem que a dança é considerada profana, por essa razão é proibida por algumas igrejas, além disso, os indivíduos são “proibidos” de cantarem músicas que não são da igreja. Uma das alunas era filha do pastor da igreja e disse que o pai tinha lhe proibido de dançar, portanto, para que as alunas participassem do evento sugerimos uma apresentação com música religiosa, dessa forma, um grupo de meninas aceitou participar.

Nessa perspectiva, alguns alunos, meninos, recusaram se apresentar em público, caracterizando uma questão de gênero, para muitos o fato de estar dançando, movimentando, rebolando em público é sinônimo de passar vergonha, porque dançar é para meninas,

historicamente a mulher é considerada o sexo frágil, aquela que traz delicadeza e leveza. Análogo a isso, estudo realizado por Cruz e Coffani (2015) com professores de Educação Física sobre o conteúdo dança, revela através da fala dos docentes a inexistência da presença masculina em suas aulas, tornando a presença da dança na escola uma prática destinada ao público feminino.

Nesse sentido, Medeiros e Santos (2014) afirmam que, ao analisar a escola nos dias atuais, acredita-se que o preconceito relacionado a alguns conteúdos da Educação Física ainda existe, ao chegarem à escola os alunos trazem interiorizado parte dos padrões comportamentais caracterizados como discriminatório, considerando natural. Partindo desse pressuposto, foi possível observar que a fala dos alunos trazem um contexto histórico e cultural relacionado à dança, não faz parte da cultura de alguns meninos dançar, muitos cresceram ouvindo que rebolar é coisa de menina, da mesma forma que algumas meninas escutam que dança não é “coisa de Deus”. Diante disso, ao chegarem à escola e depararem com esse conteúdo, as manifestações de gênero e religião vão surgir, cabe aos professores estarem preparados para trabalhar junto aos alunos essas representações sociais.

Resultado Final: a mostra de dança

Para finalizarmos a intervenção realizamos a mostra de dança contando com o apoio e ajuda da professora supervisora da escola. A proposta foi apresentada para a diretora com o objetivo de mobilizar todos os alunos e professores presentes no turno matutino. A intervenção se concretizou em três turmas (7º, 8º e 9º ano), no entanto, o total eram cinco, as outras duas tinham outra professora que ministrava as aulas de Educação Física, como o conteúdo trabalhado também foi a dança, alunas das demais turmas participaram da mostra através do convite realizado a professora. Para a turma do 9º ano na qual trabalhamos com preconceito, discriminação e sexíssimo optamos pela apresentação de cordel, poesia, paródia, peça teatral e dança relacionada às temáticas e discussões abordadas durante o estágio, enquanto os alunos do 7º e 8º ano apresentaram sequências coreográficas.

Ao analisar o evento, consideramos o resultado positivo, todos os alunos e professores participaram demonstrando satisfação e apreço por tal. No dia da mostra, as aulas foram ministradas apenas nos primeiros horários da manhã, na sequência houve a mobilização e presença de todos os alunos e professores na quadra da escola para realizar e prestigiar o evento. Esse resultado demonstra que a dança pode e precisa ser trabalhada na escola

independente de épocas ou momentos específicos do ano. Estudo de Sousa *et al.* (2014) mostra que alguns professores ainda trabalham a dança apenas em festividades escolares, o que a deixa sem um objetivo de ensino e aprendizagem, sem uma socialização cultural, histórica e social.

Pensando nesse processo de ensino e aprendizagem, e para alcançar maiores informações sobre o estágio, realizamos um questionário com os alunos. Perguntamos se eles acham que o conteúdo dança deve ser trabalhado nas aulas de Educação Física, a maioria considerou relevante utilizando as seguintes justificativas:

“Sim. Porque movimenta todo o corpo e também ajuda as pessoas a se sentirem mais confiantes em qualquer situação.”(Aluno H 8ºano)

“Sim, pois a dança é uma forma de expressar seus talentos e sentimentos.”(Aluno E 7ºano)

“Sim porque é um conteúdo bem divertido e que podemos aprender muito com ele.”(Aluno D 7ºano)

Análogo ao posicionamento dos alunos, Andrade e Lira (2013, p.1) falam: “Percebemos a importância da dança pelo fato dela permitir a transmissão de sentimentos, emoções, vivências nas culturas, trabalhar o social, a história da humanidade”. Nesse aspecto, Mesquita *et al.* (2017) ressaltam que os benefícios gerados pela dança são inúmeros, se a criança vivenciá-la desde o período da escola pode proporcionar melhoras no desenvolvimento mental, físico, psíquico e social, além disso, o indivíduo pode transformar qualquer movimento em arte por meio da dança, já que a mesma expressa vários aspectos da vida humana.

O pequeno número de alunos que não encontraram relevância na dança durante as aulas de Educação Física, justificou sua opinião baseadas em questões religiosas e o não gostar de dançar.

“Para mim não, por que isso não condiz com a minha religião. Mas também concordo que a dança assim como os jogos interativos, podem ser atividades recreativas.” .”(Aluna B 7ºano)

Diante dos expostos sobre religião e questão de gênero, os autores Kleinubing *et al.* (2013) ratificam que conforme a vivência e reflexões a respeito da dança forem oportunizadas, os meninos e meninas poderão pensar e posicionar criticamente em relação às questões alusivas a dança como “dança é coisa de menina” e “toda menina gosta de dançar e todo menino gosta de esporte”. Assim que as aulas, ensaios e reflexões foram acontecendo,

observamos que um pequeno número de alunos foram aproximando mais da dança se sentindo a vontade para dançar, além disso, alguns que a princípio recusaram a participar da mostra aderiram-se ao evento.

Indagamos se antes das aulas eles tinham um conceito ou uma visão distinta em relação ao que desenvolvemos. A maioria dos alunos respondeu que não, sempre gostaram de dançar e no entendimento deles era exatamente o que foi trabalhado. No entanto, aqueles que mudaram de opinião afirmaram que não gostavam de dançar, pois a dança não tinha nenhuma contribuição ou proeminência enquanto conteúdo, mas essa visão modificou-se após as aulas.

“Sim antigamente eu achava que a dança não ajudava nada, hoje eu mudei essa opinião.”(Aluno B 7ºano)

“Sim, a Dança é ótima depois das apresentações na escola comecei gostar muito.”(Aluno A 8ºano)

Na visão de Andrade e Lira (2013), a dança tem potencial para proporcionar ao aluno o conhecimento de outras crenças e culturas, enquanto caráter educacional pode promover o aprimoramento de habilidades físicas explorando o potencial de cada aluno. Nesse seguimento, Cruz e Coffani (2015) ponderam que o conteúdo dança nas aulas de Educação Física do ensino fundamental II ainda é deixado como segundo plano, mesmo havendo o reconhecimento da sua contribuição na formação do indivíduo.

As questões anteriores foram apresentadas nas turmas de 7º e 8º ano onde trabalhamos a dança e os pontos derivados da mesma durante as atividades, gênero e religião. No 9º ano questionamos qual foi a contribuição das discussões com os temas preconceito, discriminação e sexíssimo e o aprendizado adquirido por meio das aulas. Todos os alunos afirmaram que as aulas trouxeram contribuições positivas.

“Que sempre no mundo ocorre situações como o preconceito, discriminação e sexíssimo. É importante aprender sobre isso, para ficarmos atentos nas consequências que isso pode levar.”(Aluno A 9ºano)

“Aprendi o que é realmente preconceito, discriminação e sexíssimo e percebi que isso já pratiquei (sem querer, pois eu não sabia o conceito), além de ter sofrido.”(Aluno B 9ºano)

Considerando essas temáticas, quando as aulas de Educação Física restringem a uma metodologia com atividades desenvolvidas apenas em sala pode surgir resistência dos alunos em participarem, além de questionamentos e críticas por não ser um conteúdo esportivo comumente apresentado em quadra. Considerando essa realidade e alguns comentários que

surgiram durante as aulas, perguntamos o que eles acharam da metodologia (aula na sala ou sala/quadra) desenvolvidas durante a unidade, todos afirmaram ter gostado.

“Foi uma ótima forma de ensinar que o conteúdo não é só em aulas práticas, mas teóricas também.”(Aluno D 9º ano)

“Gostei, foi muito interessante, os estagiários abordaram assuntos importantes para nós e para a sociedade.”(Aluno E 9º ano)

“Que Educação Física não é só práticas esportivas mais sim aborda temas que se camuflam dentro da escola.”(Aluno C 9º ano)

Nesse sentido, é necessário que a Educação Física amplie os seus conteúdos, não ficando restrita apenas a exercitação física bem como o aprendizado de destrezas motoras. É sua competência também, proporcionar aos alunos formas de se situarem autônoma e criticamente perante a dimensão da vida social, assumindo por meio dos seus conteúdos um caráter duplo de saber fazer e saber sobre esse fazer (BRACHT, 2010).

Como conclusão do questionário a pergunta se igualou em todas as turmas: Para finalizar as atividades do estágio, foi realizada uma mostra de dança contando com a participação de todos os alunos do período matutino. O que você achou desse evento? Conte como foi a sua experiência. De todas as respostas apenas uma apresentou opinião contrária a realização do evento, enfatizando em seus argumentos questões religiosas.

“Eu não concordo com esse tipo de evento, mas respeito sim. Fiquei triste por ver aquelas meninas ali “expondo o seu corpo de alguma forma”, e triste também por ver todas aquelas pessoas que podiam ser ganhadas pra Jesus. Mas como respeito eu assisti sem fazer críticas.”(Aluna A 7º ano)

Essa justificativa pode ser baseada em fatores que estão presente em seu cotidiano a exemplo da cultura familiar, da sua crença e os significados passados pela sua igreja em relação à dança. Nessa perspectiva, uma pesquisa realizada por Rigoni e Prodócimo (2013) com adolescentes de uma determinada igreja evangélica, fica notório na fala de duas adolescentes o posicionamento do pastor em relação à dança,

Bruna e Paula manifestam certa vontade de dançar, mas afirmam que nem mesmo na escola, quando o conteúdo da aula de Educação Física é dança, o fazem. Segundo o Pastor, a dança é profana, pois chama a atenção masculina para o corpo da mulher e vice-versa, o tipo de coisa que a Igreja procura evitar. (RIGONI; PRODÓCIMO, 2013, p.238)

Esse foi o único posicionamento contrário ao evento, os demais, sinalizaram contentamento, ressaltando a interação, diversão, descoberta de talentos e aprendizado com as reflexões abordadas nas apresentações.

“Eu achei muito criativo, porque aquelas pessoas que não tinham a oportunidade de dançar, ontem conseguiu o que queriam, pois todo mundo respeitou e aplaudiu todos.”(Aluno F 9ºano)

“Achei que naquele momento não tinha desigualdade e sim diversão. Foi uma ótima experiência.”(Aluno G 9ºano)

“Muito bom, toda a escola dançou, interagiu, refletiu sobre as leituras o preconceito [...]”(Aluno D 7º ano)

“Foi muito bom, por que descobrimos os talentos escondidos que pessoas tinham, e foi algo coletivo que foi muito bom e educativo.”(Aluno C 8ºano)

A dança pode ser uma aliada no cotidiano do indivíduo, contribuindo na convivência com seus desejos, necessidades e expectativas, bem como para o desenvolvimento social e individual. Nesse sentido, no ambiente escolar ela precisa ser abarcada pelos aspectos cognitivos, sociais, motores, culturais e artísticos, pois a sua função enquanto atividade pedagógica estimula a criatividade superando movimentos preestabelecidos pela sociedade (GARIBA; FRANZONI, 2007). Além disso, propicia a criação e reflexão de situações de vida em sociedade, contribuindo na formação de alunos que saibam agir e expressar sua opinião sobre determinadas atitudes e acontecimentos de forma coerente, tornando sujeitos participantes do meio em que vive (CARVALHO; COFFANI, 2012).

Os estágios curriculares precisam ser caracterizados diante de princípios condizentes e orientadores na formação docente em Educação Física, promovendo vivências e internalizações de destrezas que proporcione a formação cultural, técnica e científica; assim como habilitar para conhecimentos e intervenções educacionais no âmbito da cultura corporal do movimento, conscientizando os estagiários do seu papel influente no desenvolvimento humano e social (PIRES *et al.*, 2017). Diante dos resultados obtidos com as apresentações na mostra de dança, participação dos alunos nas aulas e questionário ao final das intervenções, é coerente afirmar que os objetivos pré-estabelecidos para o estágio foram alcançados.

Conclusão

O estágio proporcionou uma experiência docente de grande proeminência, por meio das atividades desenvolvidas com a orientação e supervisão dos professores agregou conhecimentos consideráveis para a prática pedagógica.

Nesse sentido, a abordagem e metodologia utilizada nas aulas contemplaram os objetivos determinados no plano de ensino, visto que, as reflexões sobre as representações sociais identificadas no decorrer das aulas como questão de gênero e religião apresentaram resultados positivos, aqueles alunos em sua maioria que posicionaram contra a dança por motivo de vergonha, gênero ou religião participaram de forma ativa no evento após os debates e diálogos realizados em aula. Além disso, a mostra de dança proporcionou a vivência e interpretação de sequências coreográficas dos diversos tipos de dança.

Análogo aos efeitos satisfatórios, os estágios são momentos oportunos para a reconstrução de opiniões relacionadas à docência, além de consolidar características que acompanhará o trajeto da carreira docente (PIRES *et al.*, 2017). Diante dos resultados apresentados, podemos afirmar que o estágio supervisionado contribui significativamente para a formação docente, oportunizando a aproximação dos acadêmicos com o espaço escolar, agregando aprendizado, experiência e levando a reflexão constante sobre a prática pedagógica.

Referências

ANDRADE, B. V. S.; LIRA, M. H. C. A dança enquanto conteúdo na educação física escolar. **XIII JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX – UFRPE**: Recife, Dezembro, 2013.

BARBOSA, E.; MOREIRA, E. C. A dança como conteúdo nas aulas de educação física escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - v. 9, n. 1, p. 21-28, 2010.

BIBBÓ, C. B.; SILVA, S. A. Um mergulho na metodologia de ensino do esporte. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 113-117, jan./mar. 2016.

BRACHT, V. A educação física no ensino fundamental. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, novembro. 2010.

CARVALHO, T.; COFFANI, M. C. R. S. A dança como conteúdo de ensino da educação física escolar: uma investigação sobre a visão dos professores do município de Cáceres MT. **Revista da Faculdade de Educação**, Ano X, n. 17, p. 115-132, jan./jun. 2012.

- CRUZ, E. D. da; COFFANI, M. C. R. S. Dificuldades e desafios para o ensino de dança, nas aulas de educação física, no ensino fundamental II. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 33, n. 1, p. 87-102, jan./jun. 2015.
- FRANCO, N.; FERREIRA, N. V. C. Evolução da dança no contexto histórico: aproximações iniciais com o tema. **Repertório**, Salvador, n. 26, p. 266-272, 2016.1.
- GARIBA, C. M. S.; FRANZONI, A. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 02, p. 155-171, maio/ago. 2007.
- KLEINUBING, N. D. *et al.* a dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Revista Educação Física/UEM**, v. 24, n. 1, p. 71-82, 1. trim. 2013.
- MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009.
- MEDEIROS, A. G. A.; SANTOS, S. R. S. A dança como conteúdo das aulas de educação física: uma perspectiva a partir dos parâmetros curriculares nacionais. **Anais do V Congresso Nordeste de Ciências do Esporte**. Guanambi, Bahia, Brasil, setembro, 2014.
- MESQUITA, D. M. *et al.* A dança nas aulas de educação física escolar na cidade de Fortaleza-Ce. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 35 n. 2, p. 02-13, maio/ago. 2017.
- NEIRA, M. G. **Educação física**. São Paulo: Blucher, 2011. (Coleção À reflexão e a prática no ensino; v.8).
- PIRES, V. *et al.* Identidade docente e educação física: um estudo de revisão sistemática. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 30, n. 1, p. 35-60, 2017.
- RIGONI, A. C. C.; PRODÓCIMO, E. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 227-243, jan./mar. 2013
- SILVA, M. C.C. *et al.* A importância da dança nas aulas de educação física – revisão sistemática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 2, 2012.
- SOUSA, N. C. P. *et al.* O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 505-20, jul./set. 2014.